

Pensando gênero no contexto rural: análise de diários de meninas assentadas

Silvia Regina Marques Jardim

115

Resumo

Estudo referente às percepções de meninas adolescentes assentadas sobre a juventude, ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola, e podem se estender ao longo da vida. Foram realizadas entrevistas com as adolescentes, suas mães e algumas avós para aprofundar temas surgidos nos diários e captar elementos de mudanças de comportamentos. Os resultados mostram que os diários podem ser uma fonte rica de dados, pois permitem vislumbrar como as meninas adolescentes interagem com sua realidade, considerando vivências do cotidiano.

Palavras-chave: juventude rural; educação; menina; gênero.

Abstract

Thinking gender in the rural context: analysis of diaries written by young female settlers

The paperwork presents the perceptions and opinions of young female settlers about youth, life cycle, resulting from educational and cultural processes that take place in diverse spaces, including family and school, which may be extended throughout their lives. Interviews were conducted with the teenagers, their mothers and some grandmothers, in order to deepen topics that came up in the diaries and bring up elements of behavior change. The results indicate that the diaries can be a rich source of data, as they allow us to realize how these young girls react and deal with their realities, through their daily experiences.

Keywords: rural youth; education; girl; gender.

116

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa de doutorado *Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária* (Jardim, 2011), que procurou relacionar as temáticas “relações sociais de gênero”, “educação” e “juventude rural” mediante a análise de diários de adolescentes do sexo feminino que vivem em um assentamento de reforma agrária.

Os conceitos sobre adolescência e juventude muitas vezes são confundidos ou até mesmo tratados como sinônimos. A complexidade desse assunto tem gerado incertezas sobre quando começa a juventude e até quando uma pessoa é considerada jovem. Nas áreas rurais tradicionais, o fim da juventude é marcado pelo casamento e/ou pelo trabalho, que configura a entrada no mundo adulto, e isso pode acontecer precoce ou tardiamente. A juventude contempla o período da vida considerado como adolescência, mas não é possível considerar “adolescente” toda pessoa jovem.

Neste artigo, optamos por nos deter no início da juventude, ou seja, na adolescência, considerada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente como o período da vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade. Entendemos a adolescência como um período de transição em que já não se vive a ludicidade da infância, mas ainda não se vivem as responsabilidades do mundo adulto. Uma fase da vida marcada, por exemplo, pela expansão da vida social, pelo afloramento de características da sexualidade, de reflexão sobre o mercado de trabalho, de sentimentos diversos no que se refere a expectativas da família e da sociedade sobre seu futuro. O jovem adolescente possui um olhar crítico e busca, a todo instante, subverter a ordem das coisas e, dependendo do modo como suas atitudes são interpretadas pelas gerações mais velhas do seu grupo, pode provocar nestas gerações sentimentos de esperança ou de desalento.

Escolhemos o assentamento rural por entender que este espaço social carrega em seu cerne muitas aspirações de movimentos sem-terra que não só reivindicam

a posse da terra, mas lutam por melhores condições de vida pautadas na defesa de direitos sociais. O interesse em estudar as relações sociais de gênero dentro da temática que envolve o rural é justificado pelo fato de que

a história de mulheres na constituição e trajetória dos assentamentos é marcada por muitos atos de discriminação naturalizada. Discriminação respaldada pelas visões patriarcais do projeto estatal, pelo atraso na extensão dos direitos trabalhistas e previdenciários, pela exclusão, por bom tempo, em programas de crédito/comercialização/investimentos. (Ferrante, 2010b, p. 14).

Ferrante (2010b) mostra em sua pesquisa que as políticas públicas voltadas para os assentados têm procurado, ao menos em teoria, incorporar as questões de gênero e afirma também que os diversos movimentos de mulheres rurais têm interferido positivamente para a superação de desigualdades e violências que marcam a vida das mulheres assentadas e trabalhadoras. Porém, nas relações estabelecidas no cotidiano, ainda há muito a ser conquistado. Nos assentamentos ainda prevalece um modelo de família baseado na ideologia patriarcal, em que a divisão de espaços é delimitada: às mulheres cabe o espaço da casa, o cuidado dos filhos e a produção de alimentos dentro do lote. O trabalho da mulher é invisível, uma pequena ajuda ao marido ou uma “reserva” para as épocas de plantio ou colheita, ou uma extensão do trabalho da casa pelo qual é “naturalmente” responsável (ser esposa, dona de casa, mãe). Muitas vezes, elas próprias, incorporando o discurso da ideologia dominante, consideram seu trabalho de menor valor.

Apesar de algumas mudanças, as mulheres oscilam entre resistir e aceitar modelos entendidos por elas como naturais ou, ainda, como resultado de suas escolhas. Nas situações de resistência, as mulheres buscam o trabalho assalariado fora do assentamento, participam de associações e procuram, incessantemente, desenvolver estratégias diversas para romper com formas dissimuladas de violências de gênero. E, apesar dos entraves, as mulheres não deixam de lutar por ideais que consideram importantes para a reforma agrária.

117

Buscando instrumentos para coleta de dados

A metodologia procurou captar como as adolescentes constroem processos de interação com sua realidade e com os sujeitos que fazem parte dela considerando elementos vivenciados em seu cotidiano, pois é no cotidiano que o sujeito vive regras e seus modos de viver podem se apropriar delas ou desviar as opções do sujeito em relação às regras.

Para isso, foi pensada a escrita de diários. Foram identificadas doze adolescentes do sexo feminino com idade entre 12 e 15 anos, estudantes da escola do campo, localizada em um assentamento no interior do Estado de São Paulo, que aceitaram participar da pesquisa e se dispuseram a escrever diários. Os contatos com as estudantes foram realizados logo no início do ano letivo e os cadernos (diários) foram entregues logo a seguir. Um documento de solicitação/consentimento foi enviado às mães, a fim de que assinassem a permissão para que as filhas participassem da pesquisa, sendo garantido o sigilo dos nomes das adolescentes.

Após uma exposição sobre o que eu estava fazendo (uma pesquisa sobre juventude), entreguei às meninas os cadernos informando que elas poderiam escrever o que quisessem sobre suas vidas. Garanti o meu respeito pelo desejo de escrever o diário e que deveriam se sentir livres para parar de escrever no momento que desejassem. Importante ressaltar que visitava regularmente a escola, lia os diários, os devolvia e era comum estabelecer diálogos com as adolescentes sobre as situações descritas. Essas atitudes possibilitaram o estabelecimento de uma relação de amizade e elas passaram a sentir mais confiança em mim como pessoa (e não como pesquisadora) e, com menos receio, as meninas passaram a ver a possibilidade de conversar com alguém e narrar fatos que vivenciavam. Embora o diário fosse o instrumento principal de produção de dados, ocorreram entrevistas com as adolescentes para aprofundar temas tratados nos diários. Também entrevistamos suas mães e avós com o propósito de aprofundar temáticas e analisar elementos que pudessem apontar ruptura ou continuidade entre gerações no que diz respeito, por exemplo, aos anseios, às experiências e às necessidades que configuram a diversidade de vivências das mulheres rurais.

A criação desse instrumento de coleta de dados – o diário – permite vê-lo como um produto em que cada menina foi imprimindo sua marca, sendo comum o uso de desenhos e letras coloridas. Muitas usaram tais símbolos e letras de música como forma de elaboração do próprio pensamento para expressar sentimentos. Eis a importância das múltiplas formas que o ser humano tem para se expressar, ou seja, a relação entre expressividade verbal e não verbal que transcende o lado formal do uso da língua escrita. O diário, como o próprio nome diz, retrata situações cotidianas e, dentro desse cotidiano, emergem as experiências vividas, a realidade social. É a organização do tempo que é dividido entre o espaço da escola, o período reservado para a casa e para a família e o espaço de tempo reservado ao lazer, às relações sociais ou afetivas (Salva, 2008).

Reforço que o objetivo deste trabalho é dar atenção à voz feminina que emerge da memória, da oralidade, da escrita, das expressões humanas. O discurso dominante tem a marca do padrão que anula as diferenças: é um discurso masculino, branco, adulto, europeu, saudável e jovem (supõe o silêncio de mulheres, dos negros, das crianças, dos idosos). Por outro lado, não é possível ignorar que o discurso dessas mulheres é resultado de um entrelaçamento de várias vozes que constituem suas identidades e que, aos poucos, vão sendo reveladas.

A análise

Os diários permitiram que as adolescentes apresentassem a si mesmas e, a cada leitura dos diários, pude ver e (re)descobrir situações cotidianas que mostraram sua importância, à medida que me levavam a refletir sobre educação, gênero e juventude rural. Neste trabalho, a ênfase cairá sobre o papel da família e da formação escolar, fatores importantes no processo de formação.

A família é a primeira instituição responsável por diversas práticas educativas que se estendem durante todo o processo da formação e da constituição da identidade

do ser humano. A família de origem para as adolescentes tem grande importância afetiva e isso faz com que desejem constituir uma família, depois de conquistarem a autonomia financeira. Aliás, temáticas relacionadas ao amor, ao afeto, à amizade e à solidariedade são recorrentes nos diários e nas experiências vividas pelas adolescentes. As relações familiares e também o próprio assentamento são importantes referências para as jovens no sentido de apoio moral, estabelecimento de relações de afeto e sentimento de pertença, importante para o fortalecimento da identidade. É no espaço familiar que a cultura se inicia e o indivíduo aprende a lutar pela sobrevivência humana. Nesse espaço, as mulheres mais velhas são consideradas responsáveis por atividades de subsistência, transmitem saberes e valores. É a família, ainda, quem cumpre o papel de incentivar a ascensão social:

Minha mãe quer que eu faça faculdade de gestão ambiental ou estilista ou educação física. Eu adoro esporte. Meu pai quer que eu seja médica. Eu sonhava em ser uma advogada chique ajudando o povo do bem. Estilista porque adoro me arrumar e arrumar minhas irmãs e fazer vestidos, desenhar. (C, 13 anos, diário).¹

Esse trecho do diário é rico em interpretações. A escolaridade da filha é nitidamente valorizada pela mãe e pelo pai, que tiveram um mínimo de formação escolar. A família sonha com cursos superiores ligados a demandas do meio rural: meio ambiente, educação e saúde. A adolescente, estimulada pelos pais, sonha com sua profissão e pensa em fazer Direito, curso que possibilita ajudar o “povo do bem”. Quem seria esse povo do bem? É fácil inferir que se trata das histórias de vida de seus familiares e de membros de sua comunidade que trazem na memória a luta pela terra e pela justiça social. Essas aspirações contrariam o discurso ideológico que diz que o jovem do meio rural está alheio a questões de seu meio ou, o que é pior, que as crianças, os jovens e os adultos do campo não necessitam de educação ou políticas públicas de incentivo à continuidade nos estudos por não demonstrarem interesse nos processos de educação formal, o que, aliás, já foi contestado por vários autores (Fiamengue, 1997; Whitaker, 2002).

Todavia, a família e a comunidade representam sensações de restrição e até mesmo reprovação de condutas e de anseios:

[...] eu acho que estou apaixonada só que eu não sou correspondida. Eu estava pensando em contar pra minha mãe só que eu tenho medo que ela conte para o meu pai ou brigue comigo. Eu não sei o que faço. (J, 13 anos, diário).

Eu queria saber mais sobre esse mundo. As coisas hoje em dia não são assim. Esse negócio dos pais não deixar o filho sair. Hoje os pais são mais inseguros. Alguns não têm confiança nos filhos. Eu acho que as coisas teria que mudar de forma correta. Eu acho que sair de casa é um dever de todos os jovens. Minha mãe, ela não deixa eu sair de casa. Eu me sinto como um bicho preso na gaiola que não tem esperança de sair de casa [sic]. (L, 14 anos, diário).

Interessante notar que, no relato anterior, o pai e a mãe parecem participar dos sonhos da filha incentivando-a a escolher uma carreira de prestígio. Isso mostra que as práticas culturais estão se transformando positivamente e novos modelos de

¹ Para garantir o anonimato nas escritas, as adolescentes serão identificadas pela letra inicial maiúscula de nomes fictícios.

pais que buscam uma relação dialógica com os filhos vêm substituindo o autoritarismo que não dá voz ao outro. Porém, em outras situações surge o medo do pai; ou seja, fatores que apontam mudança se deparam com forças de permanência.

Ah... o que eu mais gosto é que todo mundo conhece todo mundo, né? Tem os vizinhos. Eles estão ali. Quando meus pais viajaram, eu fiquei na casa de uma colega. Fiquei uma semana, foi muito bom. Mas tem coisa que a gente faz... assim... que é pra ninguém saber... mas sempre alguém fica sabendo... então tem coisa que ... você vai para casa e já todo mundo está sabendo! [...]. Então é difícil. Por exemplo... fazer alguma coisa que seu pai não pode saber... por exemplo... namorar escondido. Tenho um monte de prima que namora escondido... mas, mesmo assim... não adianta namorar escondido... porque minha irmã ficou com um menino... mas, todo mundo sabe! Meu pai não sabe... então... tem gente que não fala... não sei porque não falam... acho que têm dó mesmo. (A, 14 anos, entrevista).

A percepção e o sentimento sobre esse ciclo da vida, que é o início da juventude, por parte das adolescentes, é que o cotidiano vivido está marcado pelo processo de vigiar e controlar. Isso ocorre na família e se estende para os outros espaços, pois relatam ser comum ter cuidado com o que as pessoas da comunidade falam.

Durante as entrevistas com as mães e avós, observamos que essas mulheres sonham que as filhas e netas estudem e adquiram um bom emprego e, argumentaram, em nome desse projeto, não podem namorar, pois a prioridade é o estudo. Porém, nada é dito em relação aos filhos do sexo masculino, que podem sair, namorar e devem estudar. Observa-se, tanto nas entrevistas com mães e avós quanto nos registros das adolescentes, o exercício de um controle muito forte do comportamento, que pode ser traduzido pela defesa da “boa moça” que deve evitar determinadas amizades, não pode namorar, não pode sair sozinha ou chegar tarde em casa. Assim, ao mesmo tempo que podem ser visualizadas mudanças nos espaços conquistados pelas mulheres mais jovens, também pode ser percebido um processo de vigilância e disciplina constante. Sempre procurando evitar o preconceito em relação ao rural, é preciso lembrar que nas áreas urbanas as formas de controle sobre as meninas também sobrevivem. O problema é que o controle dos pais sobre os jovens nas áreas rurais, e principalmente sobre as meninas, parece ser mais explícito do que nos espaços urbanos. Esse controle não é característico da idade, mas é exercido durante todo o tempo em que se vive na casa dos pais (Castro *et al.*, 2009).

Outra alusão frequente nos diários é relativa aos afazeres domésticos. As meninas ocupam seu tempo entre a escola e os serviços domésticos, tais como limpar a casa, olhar os irmãos menores e fazer comida.

O que é a juventude? Para mim a juventude é trabalhar em casa [...]. Minha mãe às vezes acha que devo passar a juventude fazendo serviço e depois sair um pouco. (F, 14 anos, diário).

Hoje fiz serviço em casa porque minha mãe foi trabalhar no lote. (R, 12 anos, diário).

Hoje eu acordei cedo e tive que ir na casa da minha tia para cuidar dos meus primos porque a minha tia tinha que ir pra cidade... (L, 14 anos, diário).

Não é novidade nos estudos sobre o cotidiano de famílias menos favorecidas economicamente, inclusive nos meios urbanos, que as crianças são educadas para

o trabalho, o que pode levá-las a ter prejuízos na escola. O trabalho doméstico ainda se configura como função exclusivamente feminina e as meninas são socializadas, desde cedo, para cuidar do pai e dos irmãos mais novos. É possível pensar na força de um discurso ideológico ainda presente na sociedade, que “separa” os seres humanos: aos homens da casa cabem o sucesso profissional e atividades de lazer nas horas vagas; às meninas cabe substituir a mãe, que está trabalhando como empregada doméstica ou “ajudando” o marido na subsistência do lar (Whitaker, 1988; Salva, 2008).

Terça (feira) tive de faltar da escola pra cuidar do meu irmão, pois minha mãe tinha um compromisso na cidade e não confia muito nos outros. Então preferiu deixar comigo e com um menino que ela cuida. (D, 13 anos, diário).

Nesse relato, é fácil observar que a adolescente deixa suas atividades escolares para substituir sua mãe nos cuidados com o irmão menor, que tem três anos. Porém, sua mãe exerce a função de babá e, nesse caso, coube à adolescente substituir a mãe também na atividade de babá. Em situações em que familiares ficam doentes, é comum depararmos-nos com as jovens meninas indo até a casa deles para fazer o serviço doméstico. Prevalece no âmbito familiar uma socialização diferenciada, cuja base é a divisão sexual dos papéis.

Pesquisadora – *E o que você menos gosta de fazer em sua casa?*

S – *De limpar o chão e lavar louça.*

Pesquisadora – *Você queria que seu irmão te ajudasse?*

S – *Sim. Ih... mas ele.... nem... Ele só atrapalha. Ele fica o dia inteiro no sofá quando meu pai vai para cidade. Eu odeio limpar chão com ele no sofá porque ele fica subindo e descendo do sofá. Eu tenho uma bronca disso! Eu não gosto. Quando é assim aí eu não faço nada, mas só que depois meu pai vem xingar eu [sic]. (S, 13 anos, entrevista).*

Esse trecho ilustra, uma vez mais, a dificuldade em superar a ideia da casa como o espaço da mulher por excelência. Observamos aqui que, na ausência do pai, o irmão não vai ao lote e fica em casa “atrapalhando” o trabalho da jovem. O pai, nesse caso, ao chegar à casa, parece supervisionar o serviço da menina e, se o trabalho não estiver de acordo com suas expectativas, ele pode insultá-la, dizer palavras afrontosas, injúrias – xingá-la. Porém, nada foi dito sobre as obrigações do irmão.

No que diz respeito à educação escolar, observamos que as jovens a valorizam como um meio de crescimento pessoal e profissional, sem que isso signifique abandonar o assentamento ou sua cultura. Pelo contrário: é um instrumento importante para formação política. A maioria das meninas mostra um apego afetivo ao assentamento, fato que as leva a pensar em um curso e uma profissão, muitas vezes, condizentes com as necessidades do assentamento.

A escola surge nos diários para relatar fatos do cotidiano e também para falar sobre sonhos para o futuro. Há valorização de aulas e de atividades que envolvem a produção de experiências e a capacidade de se comunicar e de se relacionar com

as outras pessoas. Os relatos mostram que, ao mesmo tempo que há valorização da escola por promover a educação formal, há lamentações sobre a rotina escolar:

[...] minha semana foi horrível. Provas! Mas ainda bem que eu não tirei sequer uma nota vermelha, graças a Deus. (D, 13 anos, diário).

A escola é muito legal, eu adoro a aula de Artes e de Ciências e Português. Artes eu tirei 10; em Ciências também e em Português eu não sei [...]. Como prova eu vou deixar a minha prova de Ciências para você ver. (F, 14 anos, diário).

Contraditoriamente, o sucesso dessa fase de provas, caracterizada como tensa, é registrado nos diários com entusiasmo. No primeiro relato, há um agradecimento a Deus pelo bom desempenho nas atividades escolares. No segundo, a adolescente realmente deixou sua prova de Ciências no diário para eu ver: prova bem escrita, com nota 10 e o escrito tradicional da professora – “parabéns” – que se configura como uma forma de incentivo à continuidade da dedicação aos estudos.

Outra manifestação dos aspectos positivos da escola está na valorização de atividades formativas complementares oferecidas pela escola, tais como aulas de informática e de canto.

Por ser fim de ano, comecei a pegar mais firme nos estudos; apesar de eu nunca ter sido má aluna, quero ser cada vez melhor, então peguei um livro também para ler de William Shakespeare, Romeu e Julieta, pois sempre ouvi falar, mas nunca havia lido e não sabia que a história era tão linda. (M, 13 anos, diário).

122

O registro aponta o interesse dos jovens pela cultura intelectual e o objetivo de dar uma atenção a mais aos estudos. Observo que as adolescentes apresentam uma boa competência linguística e manifestam entusiasmo pelas atividades formativas da escola, fato que mostra, mais uma vez, a desmitificação da ideia de que os adolescentes não leem, não gostam de ler ou não se interessam pela escola. O que, numa prática discursiva ideológica, aponta o desinteresse do jovem pelo estudo, significa, na realidade, a inviabilidade de as políticas públicas educacionais promoverem oportunidades para que os jovens continuem seus estudos.

Além de ser um espaço de socialização que visa transmitir o conhecimento, a escola é um espaço de práticas de sociabilidade: lugar de encontro com os amigos, de expressão de uma subcultura juvenil, de trocas afetivas, de namoros... Ela possibilita o encontro de uma geração. Os discursos retirados dos diários podem ilustrar essa observação:

Nesses últimos dias de férias foi horrível por causa da minha mãe. Ela não deixa eu sair nem em frente de casa. Ela pensa que a gente só porque somos adolescentes tem que ficar as férias todas dentro de casa fazendo serviço o dia inteiro. Só na semana que eu saio. Sabe qual o lugar? É a escola que eu estudo de manhã e à tarde eu faço curso. Só esse lugar que eu frequento. E de final de semana sabe qual lugar que eu vou? Ficar o dia inteiro fazendo serviço e ela não deixar eu sair pra lugar nenhum [sic]. (L, 14 anos, diário).

Férias!! Tão desejadas e queridas! Mas bastam alguns dias de folga para as adolescentes sentirem falta desse ambiente de trocas de experiências. A visão de escola que o jovem possui é ampla; é algo que vai além da sala de aula e dos conteúdos que devem ser absorvidos para preencher estatísticas sobre escolarização. A escola

é a instância em que o indivíduo dá início à sua vida social e é lamentável o não reconhecimento desse espaço pelos formuladores de políticas públicas como uma potência para a interação entre o conhecimento e a vida social, pautada pela valorização da história e da cultura dos seus protagonistas.

O namoro e todos os sentimentos que o envolvem são entendidos pelas adolescentes como parte, eu diria, vital do sentir e do experimentar a juventude que devem ser vividos, ao mesmo tempo, com intensidade, liberdade e responsabilidade. Apesar do desejo de viver um amor, as meninas valorizam e aspiram à conquista da autonomia financeira por meio do estudo e do trabalho, o que, de acordo com novos modelos, deve acontecer antes do casamento e da vinda dos filhos.

Em relação às práticas de sociabilidade, pudemos pontuar a importância da escola como espaço possível para desfrutar da vivência juvenil, permitindo desfrutar de certa liberdade do espaço doméstico e do controle familiar. Estar na escola propicia uma forma de lazer. Fora da escola, mas no âmbito da casa, a televisão surge como entretenimento comum, que propicia aquisição de informações, mas também exerce influência nos modos comportamentais. Outras práticas de sociabilidade estão nas festas, nos encontros com as amigas, nas visitas a parentes, nas práticas esportivas.

Considerações finais

Os diários revelaram que as adolescentes estão vivendo uma fase da vida permeada por conflitos, anseios e descobertas inerentes à adolescência, que são acompanhados por preocupações relacionadas ao futuro, como continuidade dos estudos, aquisição de emprego, conquista da autonomia e constituição de uma nova família. Essas preocupações revelam a responsabilidade que adolescentes sentem quando se deparam com essa fase da vida e não são exclusivas do meio rural, mas podem refletir em vários grupos que compõem a complexidade da juventude.

Os diários permitiram visualizar mecanismos de resistência a limitações, como práticas amorosas realizadas às escondidas. A busca pela autonomia por meio dos estudos e da conquista de trabalho é vista pelas jovens como central em suas experiências de vida. A valorização dos estudos é algo que surge no seio familiar como um sonho a ser conquistado e, nesse caso, a família não mostra diferenciações de gênero ao desejar que suas filhas alcancem elevados patamares no nível educacional e profissional. As mães e avós mostraram, explicitamente, o desejo de que suas filhas e netas conquistem a autonomia financeira antes de se casarem, melhorando seu destino por meio da mobilidade social. Essas resistências e sonhos são resultados das conquistas dos diversos movimentos de mulheres que ressoam nas práticas cotidianas, muitas vezes práticas que passam despercebidas, mas que se revelam importantes para a superação da discriminação de gênero, o que já pode ser celebrado como avanço social.

A vida retratada pelas meninas se mostra um desafio e está repleta de obstáculos. Não há retrocessos, há movimentos; há mudanças de mentalidades e

um olhar, típico da juventude, para novas formas de viver, assim como novas sensações, novas experiências que traduzem a importância de se desenvolver a capacidade de conviver com as diferenças, num processo dialógico constante.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>.

CASTRO, E. G. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, V. L. S. B.; WHITAKER, D. C. A. (Org.). *Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais*. Brasília: MDA; São Paulo: Uniará, 2008. p. 112-130.

CASTRO, E. G.; MARTINS, M; A. S. L. RODRIGUES, M. E. B.; CARVALHO, J. *Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: Edur, 2009.

FERRANTE, Vera Lúcia B. Mulheres assentadas rurais em movimento: na casa e na rua, espaços de resistência. In: WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE E. C.; VELOSO, T. M. G. *Ideologia e esquecimento: aspectos negados da memória social brasileira*. Presidente Venceslau, SP: Letras à Margem, 2010a. p. 193-231.

FERRANTE, Vera Lúcia B. *Cidadania e políticas públicas para as mulheres rurais: lugares atribuídos e espaços conquistados pelas assentadas*. Trabalho apresentado no I Simpósio "Feminismo, ação política e agroecologia", realizado em Recife, nov. 2010b.

FIAMENGUE, E. C. *Entre o espaço vivido e o espaço sonhado: imagens da infância num assentamento de trabalhadores rurais*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara, SP, 1997.

JARDIM, Sílvia Regina Marques. *Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara, SP, 2011.

SALVA, Sueli. *Narrativas da vivência juvenil feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

WHITAKER, Dulce C. A. *Mulher & homem: o mito da desigualdade*. São Paulo: Moderna, 1988.

WHITAKER, Dulce C. A. Mulher e educação. In: D'INCAO, M. A. (Org.). *O Brasil não é mais aquele: mudanças sociais após a redemocratização*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 61-76.

WHITAKER, Dulce C. A. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. *Cadernos CEDES*, v. 22, n. 56, abr. 2002.

WHITAKER, Dulce C. A.; SOUZA, Marinaldo F. A permanência dos jovens nos assentamentos de reforma agrária: um rosário de equívocos. *Retratos de Assentamento*, Araraquara, n. 10, p. 113-126, 2006.

Silvia Regina Marques Jardim, doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara (SP), é professora adjunta na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

silvia.jardim@hotmail.com

Recebido em 3 de junho de 2014.

Aprovado em 30 de julho de 2014.